

LITERATURA ORAL E FOLCLORE: O POVO NAS ENTRELINHAS

Maria Betânia Almeida Pereira

Paul Zumthor nos diz que os estudos sobre cultura oral (folclore, poesia e literatura oral) caracterizam-se pela imprecisão lexical e um vocabulário carregado de estratificações deixado pelo Romantismo, pelo positivismo e seus resíduos. Seguindo esse pressuposto, podemos afirmar que os problemas teóricos de definição quanto de análise do folclore resumem-se no foco centralizador de todas as idéias que está no *folk* (povo).

No ato de formulação dos conceitos, literatura oral, literatura popular e folclore trazem um ponto em comum: o povo como sujeito central do debate teórico, visto muitas vezes de forma segmentada, como uma categoria imprecisa. Porém sempre presente nos discursos dos intelectuais, a categoria “povo” quer num sentido vago e indefinido, quer num sentido mais ideológico serviu aos anseios estéticos e também políticos de uma elite pensante. O sentido estético se refere à busca de uma arte que valorize o natural, o primitivo – atributos ausentes na arte clássica, e sob a ótica de alguns intelectuais europeus, somente encontrados nas fontes populares como canções, poesias, baladas, etc. No início do século XIX, a revolta contra os ideais clássicos leva a um novo conceito de arte, que prioriza de certa forma “um culto ao povo, no sentido de que os intelectuais se identificavam com ele e tentavam imitá-lo.”¹

No âmbito político, o povo aparece como o grande motivador da questão nacionalista. A idéia de “povo-nação” é construída tendo em vista uma estrutura que privilegia as qualidades essenciais de cada país ao mesmo tempo que reforça um poder subjacente. Caberia a cada nação buscar no seu passado histórico os meios necessários para fazer valer a sua identidade

¹ BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 37.

nacional. Assim, não é de forma gratuita que serão publicadas inúmeras antologias de canções, poesias e narrativas populares em toda a parte do mundo ocidental precisamente no século XIX.

Por muito tempo pensou-se e ainda pensa-se o povo. No campo da erudição as portas se abrem para acolhê-lo. Cobrem-no às vezes de uma aura idealizada, caso do Romantismo e de toda uma ideologia presente na fase pré-romântica. Primitivo, comunitário e puro eram as qualidades atribuídas ao povo por intelectuais como Herder e os irmãos Grimm em fins do século XVIII e início de século XIX.

Para o historiador Peter Burke estes descobridores da cultura popular em suas definições e estudos sobre o povo excluía as modificações culturais e sociais ignorando também a interação entre campo e cidade, popular e erudito. Na concepção destes pesquisadores, acrescenta Burke

“o povo *par excellence* compunha-se dos camponeses, eles viviam perto da natureza, estavam menos marcados por modos estrangeiros e tinham preservado os costumes primitivos por mais tempo do que quaisquer pessoas.”²

Com o surgimento da teoria marxista cujo discurso enfatiza as diferenças entre as classes sociais e o desenvolvimento das lutas de classe ao longo da história, o foco para a categoria povo será outro. Nesta perspectiva, busca-se uma visão mais crítica das relações sociais e fala-se aqui de “classes populares” para designar o segmento da sociedade que vive de certa forma à margem de todo um processo econômico e social controlado pela classe dominante.

Comungando com o discurso marxista, o intelectual Antonio Gramsci concebe o povo como o conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda forma de sociedade até agora existente e propõe um novo perfil metodológico para o estudo do folclore:

“Dever-se-ia [estudar o folclore] como ‘concepção do mundo e da vida’, em grande medida implícita, de determinados estratos (determinados no tempo e no

² *Op. cit.*, p. 49.

espaço) da sociedade, em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções do mundo ‘oficiais’ (ou, em sentido mais amplo, das partes cultas das sociedades historicamente determinadas), que se sucederam no desenvolvimento histórico.”³

O preceito metodológico de Gramsci concebido nas primeiras décadas do século XX é inovador e sustenta assim novos meios de empreender o estudo do folclore que, como concepção do mundo e da vida das camadas menos favorecidas da sociedade, deve ser estudado não mais como algo fossilizado no decorrer do tempo, e sim como algo dinâmico, atendendo dessa forma às mudanças ocorridas no desenrolar da história. Para tanto, é necessário o contraponto com as visões oficiais do mundo. Ele vai dizer, por exemplo, que a moral e a religião do povo são formadas por imperativos muito mais fortes, tenazes e eficientes do que os das concepções oficiais.

Pode-se dizer que o método gramsciano é democrático, na medida em que coloca no plano da discussão dois pontos de vista diferentes: o da classe subalterna e o da classe dominante.

Se no campo semântico houve sérios problemas de assentamento de definições, no campo de uma práxis, os estudos de cultura oral foram realizados seguindo também toda essa problematização de conceitos. A partir do enfoque gramsciano surge um novo panorama no plano das idéias e ações acerca desses estudos que passaram a ser mais críticos, considerando sobretudo, o sistema complexo das relações entre as sociedades. Contudo, em datas anteriores, veremos que a mentalidade era outra, totalmente diferente. É preciso então, conhecer os “resíduos” de idéias para melhor compreender as teorias e linhas de pensamento que formaram a base desses estudos.

³ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.p.184.

Antecedentes românticos

O movimento pré-romântico *Sturm und Drang* surgido na década de 1770 é uma dessas bases de pensamento que fundamenta o povo como categoria indispensável para a confirmação de valores nacionalistas. O grito que soa como Tempestade (*Strum*) e Ímpeto (*Drang*) insiste na busca de uma cultura alemã genuína e constitui-se na primeira reação romântica na Alemanha contra a hegemonia cultural francesa, os ideais clássicos do Iluminismo, o racionalismo. O movimento teve como figura principal o filósofo Johann Gottfried von Herder (1774-1803), que influenciou toda a sua geração e deixou seguidores no que se refere à sua concepção estética. Em Herder, o valor dado à poesia popular suscita uma série de ações no panorama cultural europeu e acaba formando uma linha de pensamento entre os românticos. É a partir das idéias herderianas que muitos estudiosos e pesquisadores irão se voltar com mais veemência para o estudo da cultura popular no século XIX.

A aliança povo-poesia traz uma nova referência sobre o conceito de arte, uma vez que o “povo” é o guardião do que se considera como valores essenciais: puro, primitivo e simples. A estética de Herder fundou-se a partir desses ideais onde o povo aparece como o representante de uma certa ancestralidade mística. É num sentido bastante restrito que a categoria povo é compreendida pelo filósofo alemão como a essência do espírito nacional, diferindo da canalha ou ralé: “povo não significa a ralé nas ruas , que nunca canta ou cria canções mas grita e mutila as verdadeiras canções populares.”⁴

As verdadeiras canções populares emergiriam naturalmente, originárias de um poder criativo que está na natureza – princípio regulador e motriz de tudo que é bom e belo. Considerando um poder místico à criação artística, poetas como Homero e Shakespeare seriam,

⁴ HERDER, *apud* ORTIZ, Renato. *Cultura popular: românticos e folcloristas*. São Paulo: PUC, Programa de Estudos Pós-graduados, 1985. p. 15.

para Herder, os verdadeiros demiurgos, capazes de refletir em suas obras a expressão comunitária.

Em outra linha de pensamento, os irmãos Grimm afirmam que o povo todo é que cria a epopéia; consideram absurda a idéia de criação individual desse gênero e avaliam Homero como “intérprete de uma matéria poética que se impunha a ele.”⁵ Desta forma, eles suprimem a possibilidade de um verdadeiro trabalho poético individual e concebem somente a coletividade como possuidora de uma intuição criativa. Mas qual é a visão de povo para os irmãos germânicos?

Fiéis transmissores de uma tradição nacional, o povo restringe aos habitantes das áreas campesinas da Alemanha. No seu método de pesquisa folclórica, os Grimm pretendem coletar as canções e histórias populares da boca dos camponeses, pois estes representariam o sublime da criação poética popular. Nas pesquisas de campo o público alvo limita-se a uma pequena parcela da população e o trabalho pretende ser rigoroso com o cuidado de indicar em pormenores o local de cada coleta.

Neste sentido, o preceito metodológico fundamenta um novo caminho para as tarefas de coleta e transcrição das produções populares. A partir desse enfoque de pesquisa, são ampliados os trabalhos folclóricos; valoriza-se o trabalho de campo e há uma preocupação maior com o registro, seleção e classificação dos dados. Seguindo um rigor que se quer científico, a nova perspectiva metodológica acolhe o modelo das ciências naturais, que dividem e classificam os objetos de pesquisa em número e espécies diversificadas. As pesquisas iniciadas no século XIX revelam um caráter taxionômico, pois as formas de manifestações populares são avaliadas

⁵ *Op. cit.*, p. 13.

por meio de um critério classificatório, ficando em último plano ou quase anulada a avaliação dos processos de elaboração artísticas destas manifestações.

A famosa coletânea dos Grimm, *Kinder-und Hausmärchen* (1812) (“Contos infantis e domésticos”), que reúne também dois livros de contos históricos alemães pretende seguir o novo preceito metodológico. No entanto, o trabalho de campo não terá a fidelidade presumida: modificações de estilo e conteúdo serão efetuadas face a um público leitor definido: a classe média. Pertencentes ao campo da erudição, os gramáticos e dicionaristas Grimm sentem-se no direito de corrigir os possíveis “erros” das fontes, ajeitando melhor o produto final. Assim, eles retiram as impurezas e os defeitos lingüísticos, suprimem as partes que poderiam ser “escandalosas”. Na segunda edição do livro de contos infantis, por exemplo, são retirados alguns contos a pedido de mães que achavam o conteúdo forte demais.

O postulado do anonimato das produções populares justifica a coleta e correção das fontes. O povo é autor e ao mesmo tempo anônimo, não tendo portanto autoridade sobre o texto. Agindo como “donos das palavras” os Grimm retificam as formas “incorretas” e adquirem uma certa autoridade sobre os textos populares. A metodologia por eles adotada é questionável, pois o objetivo inicial de serem fiéis à fonte acaba sendo substituída pela vontade de correção e adequação lingüística e cultural.

Na verdade, o que se coloca em questão em toda essa discussão a respeito dos estudos folclóricos é o próprio conceito de povo. Como bem observa Renato Ortiz, os românticos não levam em consideração a posição sócio-econômica para definir os limites do popular. Estudando o povo como resíduo do passado que deve ser resgatado, não levam em conta as mudanças e transformações ocorridas ao longo da história. Pelo contrário, povo e passado passam a ser categorias fossilizadas, impassíveis a um olhar crítico, porque situadas num plano ideal.

Os irmãos Grimm, os folcloristas oitocentistas e alguns estudos sobre folclore no início do século XX ainda seguem a mesma linha de pensamento do pré-romântico Herder. Têm em mente o povo como essência de algo puro, incorruptível às mudanças no tempo, portanto, cristalizado, um verdadeiro talismã que deve ser guardado numa redoma e protegido contra qualquer tipo de contato.